



Recebido em 06/06/2025
Aceito em 09/06/2025
DOI: 10.26512/emtempos.v24i46.58726

EDITORIAL

Thompson Clímaco

Doutorando em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
<https://orcid.org/0000-0002-1638-3320>

Lara Lima Resende

Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Catarina
<https://orcid.org/0009-0009-4866-5574>

A história, em sua essência, cumpre o papel de observar as transformações que ocorrem ao longo do tempo e impactam a sociedade, buscando, a partir disso, oferecer explicações fundamentadas. Contudo, a própria disciplina também é marcada por constantes reconstruções, manifestando os ideais, pensamentos, inclinações e contradições humanas de cada época. Cada geração revisita o passado a partir de novas óticas e contextos, ampliando as perspectivas sobre o conhecimento histórico e revelando que há sempre uma história dentro da própria história. Essa natureza dinâmica, em constante reconstrução, faz da história um campo aberto, sensível tanto às rupturas quanto às permanências, sempre condicionado pelo tempo de sua análise e pelo contexto social de onde parte a investigação.

A relação com o passado, em diferentes contextos e heranças, promoveu profundas transformações nas estruturas políticas, sociais, culturais e econômicas, num movimento cada vez mais globalizado. Isso gerou representações coletivas e ações públicas que se moldam conforme a natureza e o tempo dos eventos históricos. Entretanto, a ausência de diálogo entre distintos segmentos acadêmicos muitas vezes reforça visões hegemônicas, negligenciando múltiplas perspectivas.

É nesse cenário que a reflexão historiográfica de autores como Sanjay Subrahmanyam, Giovanni Levi e Michel-Rolph Trouillot se torna central. Subrahmanyam (2017) aponta que a história, com frequência, é construída a partir de narrativas autocentradas, ancoradas em vínculos regionais, nacionais ou identitários, alertando para o risco de uma história que, sob o pretexto de globalidade, repita lógicas de integração sob termos hegemônicos do Ocidente. Já

Giovanni Levi, recusa a oposição entre micro-história e história global. Para ele, o que realmente importa é a “escolha dos procedimentos analíticos” e a capacidade de fazer perguntas novas a partir de objetos e escalas variadas, sem cair em dicotomias metodológicas estanques (Levi, 2019, p. 37-38).

Nessa linha, o aporte teórico e metodológico de Trouillot torna esse quadro ainda mais instigante, pois ele radicaliza o debate sobre o poder na produção da história e o papel dos silêncios como parte constitutiva das narrativas históricas. Trouillot evidencia que a história nunca é apenas aquilo que se conta, mas, sobretudo, aquilo que se cala. A produção do passado envolve não só a seleção de fatos, mas também processos ativos de silenciamento, nos quais o poder define o que pode ser dito, lembrado e legitimado (Trouillot, 2016, p. 19). Para o autor, o desafio é expor as raízes desse poder e tornar visíveis os mecanismos que naturalizam narrativas dos vencedores, marginalizando experiências subalternas e tornando “impensáveis” determinados eventos históricos, como a Revolução Haitiana (Trouillot, 2016, p. 118-123). Trouillot ainda ressalta que todo processo histórico opera em meio a tensões entre o que ocorreu e o que se diz ter ocorrido, sendo a fronteira entre ambos sempre fluida, disputada e permeada por relações de força (Trouillot, 2016, p. 22-27). Mais do que buscar a “verdade” única do passado, cabe ao historiador interrogar as condições de produção da história, os silêncios impostos e os limites das próprias categorias em circulação.

Esse horizonte crítico, plural, atento aos silêncios, escalas e disputas, é o que move o volume 24, número 46 da Revista Em Tempo de Histórias. Os trabalhos aqui reunidos transitam da teoria à prática, da micro-história à análise de processos globais, atentos à pluralidade das experiências e à necessidade de renovar os paradigmas explicativos. Ao mobilizar debates de método, lutas sociais, disputas de gênero e classe, reafirmamos que a vitalidade da historiografia reside, sobretudo, na capacidade de interrogar de novo e a partir do singular, os dilemas do nosso tempo.

Para dar conta dessa diversidade, os artigos foram organizados em três blocos articulando métodos, debates políticos e disputas de identidade. O primeiro bloco focaliza na metodologia, biografia e interdisciplinaridade, com ênfase em trajetórias individuais, uso das fontes e diálogo entre disciplinas, ressaltando o rigor teórico-metodológico e a circulação internacional do conhecimento. O segundo bloco aborda questões de gênero, feminismo e resistência social, destacando o protagonismo de sujeitos marginalizados e as lutas femininas e LGBTQIA+ em contextos de repressão e construção da consciência histórica.

O terceiro bloco discute identidade, tradição e narrativas regionais, mostrando como essas categorias são disputadas e ressignificadas na relação com a memória e o pertencimento frente aos desafios contemporâneos.

O número 46 inicia com o artigo “Escritas biográficas e suas fontes: reflexões sobre o acervo do Barão do Rio Branco”, de Elizabeth Santos de Carvalho, que propõe ampliar o diálogo entre distintas áreas do saber para promover um uso mais crítico das fontes documentais, seja em investigações biográficas, intelectuais ou em outros recortes possíveis. A autora analisa a formação e o tratamento dos conjuntos documentais do Barão do Rio Branco, destacando a importância dos arquivos pessoais como instrumento de autoformação e atribuição de sentido à trajetória de vida. Outro ponto de contribuição do artigo reside em mostrar como a organização arquivística revela não só os modos de construção do acervo, mas também os próprios processos do fazer histórico, sobretudo nas histórias de vida marcadas pela subjetividade.

O trabalho seguinte, “Em torno do vigário Francisco Gonçalves Barroso: escravidão, solidariedade e trânsito para a liberdade (Porto Feliz, São Paulo, c.1863 - c.1873)”, de Carlos Santos da Silva, analisa escravidão, emancipação e a conquista da liberdade por meio da trajetória do vigário Barroso. O texto avança metodologicamente ao utilizar uma abordagem micro-histórica refinada para explorar dinâmicas sociais e redes de solidariedade que atravessaram o processo abolicionista, revelando a complexidade das práticas emancipatórias e os dilemas coletivos do período.

Nesse sentido, o trabalho “Entre permanência, adaptações e mudanças: a circulação do sangue e a anatomia do coração na medicina árabe medieval”, de Mauricio Ribeiro Damasceno, analisa a reinterpretação dos textos greco-romanos realizada pelos médicos árabes medievais. Esses estudiosos buscavam ressignificar as noções de anatomia e fisiologia herdadas da Antiguidade, propondo novos entendimentos sobre a ciência médica. O estudo da medicina árabe evidencia, assim, um processo de reinterpretação e integração de diversas tradições médicas — persa, grega, síria e indiana —, o que contribuiu para uma ampliação das redes de saber, tanto no intercâmbio de conhecimentos quanto na superação de fronteiras culturais e intelectuais.

Este primeiro bloco, portanto, encerra-se com “História Urbana: variedade temática, interdisciplinaridade, conceitos e base teórica”, de Jaciane Aparecida Jesus da Cruz, que apresenta um balanço das abordagens urbanas ao integrar dimensões sociais, econômicas, culturais e políticas. O artigo reafirma o

caráter interdisciplinar da História Urbana, demonstrando sua relevância para compreender as sociedades contemporâneas e consolidando-a como área central para o debate historiográfico atual.

Na sequência, o volume mobiliza o debate sobre gênero e resistência social, colocando em destaque as experiências e lutas de mulheres e LGBTQIA+ em diferentes contextos. Dessa forma, o segundo bloco é iniciado pelo artigo “Mobilizações femininas contra a carestia na Campanha pela Paz e no Movimento Custo de Vida”, de Ana Clara Tavares e Layana Sales. As autoras exploram de forma comparativa a atuação política de mulheres em dois momentos cruciais da história recente do Brasil, destacando como as experiências de mobilização feminina enfrentaram a repressão estatal e as adversidades do contexto econômico. Ao analisar práticas cotidianas de luta, estratégias de organização em redes e táticas de enfrentamento à carestia, o artigo revela a centralidade das mulheres não apenas como agentes de denúncia, mas também como protagonistas de transformações sociais concretas.

Na sequência, o artigo “Os princípios educativos feministas impressos e expressos no jornal ‘Nós Mulheres’ nos anos de 1970”, de Andreza da Silva Vieira e Gislaine Aparecida Valadares de Godoy, amplia o debate ao investigar a dimensão pedagógica e cultural do feminismo durante o período da ditadura militar. O estudo destaca o papel do jornal alternativo como espaço privilegiado para circulação de ideias, construção de saberes e fortalecimento de redes de solidariedade entre mulheres. Por meio da análise das seções, temas e estratégias editoriais do periódico, as autoras demonstram como o “Nós Mulheres” atuou na formação de uma consciência coletiva, promovendo não só denúncias de opressões, mas também experimentações com novas linguagens, símbolos e práticas educativas voltadas para o empoderamento feminino.

Ainda no bloco 2, também expandindo o escopo das lutas sociais, o artigo “A prostituição e o escândalo político como formas construtoras da identidade homossexual masculina weimariana: uma análise a partir da obra de Christopher Isherwood (1939-1976)” de Mateus Henrique Siqueira Gonçalves. O autor examina de modo inovador como a experiência da homossexualidade masculina na Berlim das décadas de 1920 e 1930 foi atravessada pela comercialização do sexo, pelo escândalo político-midiático e pela construção identitária em meio às repressões e disputas morais no contexto do colapso da República de Weimar e à ascensão do nazismo. Ao analisar os processos de marginalização e resistência, o artigo evidencia como a sexualidade se torna categoria histórica e política

de visibilidade, disputa e emancipação, estabelecendo pontes com os debates contemporâneos sobre direitos, cidadania e memória das dissidências sexuais e de gênero.

Este bloco é finalizado com o trabalho “Saúde íntima feminina na Inglaterra do século XVII através do trabalho de Hannah Woolley”, de Giovanna Cobello. A autora investiga a saúde íntima das mulheres sob a perspectiva de Hannah Woolley (1622–1675), uma doméstica inglesa que praticava medicina caseira. O estudo busca compreender como a sociedade inglesa do século XVII abordava temas como menstruação, fertilidade e gravidez, com base nos receituários de Woolley voltados ao corpo feminino. O trabalho destaca a importância da produção de saberes por mulheres e o valor de suas perspectivas em assuntos tradicionalmente analisados por homens.

Por fim, mas não menos importante, o bloco dedicado à identidade, tradição e narrativas regionais encerra o número com o artigo “Vaquejada de Currais Novos/RN: a elaboração discursiva de uma tradição (1975-1977)” de Fabiana Alves Dantas. O texto examina como a vaquejada foi erigida em tradição e símbolo de identidade do sertão potiguar a partir da atuação da imprensa e dos agentes locais. O estudo mostra, com rigor, que a tradição é fruto de negociações, disputas e apropriações políticas, econômicas e culturais, revelando como diferentes grupos sociais mobilizaram o passado para legitimar pertencimentos, afirmar projetos regionais e silenciar outras memórias. Ao articular fontes jornalísticas e relatos orais, o artigo contribui para o debate sobre invenção de tradições e usos públicos da história, evidenciando a importância de compreender as memórias coletivas como campos de disputa e de poder no cenário contemporâneo.

Ao reunir, neste número, abordagens que atravessam o rigor metodológico e as inovações da micro-história, os embates das lutas de gênero e das dissidências, e as disputas por identidades e memórias no plano regional, o volume evidencia a força do diálogo entre diferentes campos e escalas da experiência histórica. Ao articular essas três dimensões – método, conflito e memória –, o número 46 reafirma a vitalidade da pesquisa histórica comprometida tanto com o questionamento dos silêncios e das hegemonias quanto com a ampliação de perspectivas e práticas que compõem o nosso tempo. O leitor encontrará aqui não apenas uma amostra da pluralidade do campo, mas também o convite para pensar a história como território de debate, construção coletiva e permanente rearticulação.

A disposição dos artigos, assim, reflete uma aposta no rigor do trabalho coletivo, na renovação de abordagens e na valorização do protagonismo discente e docente, presente em todas as pesquisas aqui reunidas. Trata-se de um volume que expressa o compromisso com a crítica historiográfica, análise atenta das fontes e a construção de novos paradigmas interpretativos, em sintonia com os desafios do ofício do historiador.

Ao entregar este número, agradecemos o esforço coletivo de autores, pareceristas, conselho editorial, redes de pesquisa e instituições de fomento, sem os quais sua realização não seria possível. É dessa comunidade ampliada que emerge a vitalidade do campo e o compromisso com a produção de conhecimento rigoroso, plural e socialmente engajado. Convidamos os leitores e leitoras a percorrer os caminhos abertos por este volume, desafiando narrativas hegemônicas e construindo, junto conosco, novas possibilidades para o pensamento histórico.

Referências

LEVI, Giovanni. Frail frontiers? Local politics and the notion of the social: microhistory and the 'grisaille' view. **Past & Present**, Supplement 14, v. 242, p. 37–49, nov. 2019. Disponível em: https://academic.oup.com/past/article/242/Supplement_14/37/5637694. Acesso em: 29 de maio de 2025.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Em busca das origens da História Global: aula inaugural proferida no **Collège de France** em 28 de novembro de 2013. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, 2017, vol. 30, n. 60, p. 219-240.

TROUILLOT, Michel-Rolph. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: huya, 2016.